Dia 21 — São Tomé, Apóstolo

Martirológio Romano

O triunfo de São Tomé, apóstolo, em Calamina; o qual, tendo pregado o Evangelho aos partos, medos, persas e hircanos, penetrou finalmente até a Índia e, depois de haver doutrinado aqueles povos na religião cristã, por mandado do rei morreu alanceado: suas relíquias foram trasladadas primeiro a Edessa e logo a Ortona, na Apúlia. (Veja-se sua história hoje.)

Os santos João e Festo, mártires, na Toscana (no tempo do imperador Aureliano).

São Temístocles, mártir, na Lícia; o qual, no tempo do imperador Décio, se ofereceu voluntariamente em lugar de São Dióscoro, a quem buscavam para matá-lo; e atormentado no cavalete, arrastado e espancado, alcançou a coroa do martírio.

São Glicério, presbítero, em Nicomédia; o qual, na perseguição de Diocleciano, depois de padecer muitos tormentos, lançado numa fogueira consumou seu glorioso martírio (no fim do século III).

Santo Anastásio, bispo e mártir, em Antioquia; a quem no tempo do imperador Focas mataram cruelmente os judeus (pelos anos de 610). São Severino, bispo e confessor, em Tréveris.

São Tomé, Apóstolo

São Tomé, chamado também Dídimo, que significa em grego o mesmo que Tomé em hebraico, isto é, gêmeo, era galileu de nascimento, de uma condição pobre e obscura, como era a condição dos que Jesus Cristo escolheu para ser seus apóstolos. Metafrastes diz que Deus o havia prevenido desde sua meninice com suas mais doces bênçãos e que lhe havia dado um espírito tão dócil, um coração tão puro, um natural tão feliz e uma inclinação à virtude tão pouco comum que todos o olhavam com admiração. Era costume entre os judeus dar às crianças alguns livros sagrados logo que haviam aprendido a ler, diz o mesmo autor; Tomé achava tanto gosto nesta leitura que fazia dela todas as suas delícias e toda a sua diversão. Depois de haver empregado e gasto o tempo competente em seu exercício de pescador, em lugar de ir divertir-se com os jovens de sua idade e de sua condição, retirava-se ao templo ou a algum lugar separado do bulício, para extrair dos livros

sagrados aquele espírito de piedade e de religião que devia fazê-lo digno de ser um dia um dos mais generosos e mais amantes discípulos do Salvador do mundo. Tal foi a meninice e a juventude de Tomé antes de ser chamado ao apostolado; mas não tardou o Senhor em conceder-lhe esta graça.

Tendo ouvido nosso Santo falar das maravilhas que operava o Salvador, não duvidou de que fosse o Messias prometido e por tanto tempo esperado. Foi o mesmo ouvi-lo que deixar todas as coisas por segui-lo. Este novo discípulo o seguia a todas as partes com um fervor e um zelo que dava bem a conhecer que o Salvador, por uma predileção singular, o havia eleito para seu discípulo entre outros muitos. Tendo sido preso São João Batista pelo ímpio Herodes e posto no cárcere, parecia que Jesus Cristo havia de ser abandonado de todos os que o haviam seguido até então; mas como era dono dos corações, longe de ser abandonado, viu crescer o número de seus discípulos.

Neste tempo foi quando o Salvador quis eleger entre os que o seguiam com mais continuação e lhe eram mais adictos doze discípulos, aos quais chamou apóstolos. Tomé foi deste número; seu zelo, seu fervor, seu amor e sua fidelidade a seu amado Mestre fizeram muito logo ver a sabedoria e o mérito que haviam concorrido a esta eleição. Este digno Apóstolo não se separou desde então de seu amado Mestre: o lugar que ocupava no coração do Salvador se conhece pela respeitosa e religiosa familiaridade que tinha com ele. Era companheiro inseparável de suas correrias apostólicas e testemunha de todos os seus milagres. Depois que o Salvador houve tido perto de si algum tempo seus Apóstolos para instruí-los e formá-los, julgou que era tempo de empregá-los nas funções da vida apostólica e de enviá-los a diversos lugares a pregar ao povo o que lhes havia ensinado a eles em particular. Nosso Santo distinguiu-se por seu fervor e por seu zelo entre aqueles excelentes operários e foi dotado desde então daquele dom que lhe foi depois tão ordinário, de lançar fora os demônios e fazer toda sorte de milagres.

Estando o Salvador na Galileia, recebeu por um expresso a notícia da enfermidade de seu amado discípulo Lázaro, irmão de Marta e de Maria; tendo dito a seus Apóstolos alguns dias depois que este grande amigo era morto, que ia a Betânia ressuscitá-lo, os Apóstolos, ainda tímidos, pareceram aterrar-se ao ouvir esta resolução do Salvador; e não podendo deixar de representar-lhe o risco a que se expunha, sabendo que não havia muito tempo que os judeus o buscavam para apedrejá-lo, disseram-lhe: E como, Senhor, tendes valor para voltar tão cedo à Judeia? Então São Tomé, vendo seu Mestre determinado a partir e a levar consigo os que teriam valor para segui-lo e seriam mais generosos que os outros: Vamos, disse-lhes, vamos, sigamos a nosso bom Mestre; se é preciso, morramos também com ele. Uma resolução tão generosa não podia vir senão de um amor terno a Jesus Cristo e de uma fé firme e à prova da malícia dos escribas e fariseus.

A confiança com que nosso Santo tomava a liberdade de perguntar ao Salvador dá bastante a conhecer que São Tomé era um de seus mais amados apóstolos. Celebrando Jesus sua última ceia com seus discípulos na noite que precedeu a sua paixão, deu-lhes diversas instruções para consolá-los e fortalecê-los contra a turbação e a tristeza em que os havia posto ao anunciar-lhes que ia ser um motivo de escândalo a todos eles. Não vos turbeis, disse-lhes Jesus Cristo; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Eu vou preparar-vos um lugar: voltarei depois a tomar-vos para conduzir-vos lá; não ignorais o lugar aonde vou e por que caminho se vai. Então São Tomé lhe disse: Senhor, não sabemos o lugar aonde vais: como, pois,

podemos saber o caminho por onde se vai? Ao que respondeu o Senhor que ele era o caminho, a verdade e a vida; e que ninguém ia a seu Pai senão por ele.

Tendo sido ferido o Pastor, dispersaram-se as ovelhas. O medo dissipou por algum tempo o rebanho; mas não extinguiu o amor que unia os discípulos com o Mestre. Retiraram-se quase todos para chorar livremente a morte de seu divino Salvador, mas sem perder a esperança de sua ressurreição gloriosa. São Tomé foi um dos que sentiram mais vivamente os maus-tratos de Jesus Cristo; e se houvesse seguido a vivacidade de seu natural e de seu bom coração, teria defendido com valor e com brio a seu amado Mestre. Mas é preciso crer que o Filho de Deus, que o conhecia, que o amava e que o havia instruído, governou sua conduta com seu divino espírito. São Tomé retirou-se com os outros discípulos a Jerusalém, esperando aquele grande acontecimento que devia ser o triunfo de Jesus Cristo e o da Religião e o cumprimento de suas predições e de suas promessas.

Tendo ressuscitado Jesus Cristo e aparecido logo à santíssima Virgem, depois a São Pedro, a Maria Madalena e aos outros discípulos, todos os quais asseguraram que seu amável Mestre havia ressuscitado e se lhes havia aparecido, os dois discípulos que iam a Emaús tiveram a ventura de vê-lo e de conversar com ele e voltaram imediatamente a Jerusalém a dar parte aos fiéis de sua aventura: tendo-os achado juntos, uns diziam que o Salvador havia ressuscitado verdadeiramente e que havia aparecido a Pedro, às santas mulheres e a muitos discípulos: outros nada disto criam. Como se disputava ainda sobre isto, dignou-se Jesus aparecer visivelmente no meio deles sem haver aberto a porta nem feito buraco algum na parede. Saudou-os, segundo tinha de costume, dizendo-lhes: A paz seja convosco: sou eu, não temais; e porque muitos criam que era um fantasma o que viam, consolou-os maravilhosamente assegurando-lhes que era ele; mas os repreendeu, e com razão, por sua demasiada inquietude e suas vãs contestações sobre sua pessoa, as quais denotavam uma fé débil e vacilante: depois disto mostrou-lhes as chagas de suas mãos, de seus pés e de seu lado, como dizendo-lhes que as olhassem de perto e as tocassem; finalmente, querendo acabar de convencê-los, perguntou-lhes se tinham alguma coisa que comer. No instante apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel; e tendo comido de um e outro, não só derramou em seus corações a paz e o gozo, mas também os cumulou de suas maiores graças.

Tomé foi o único que não teve parte em todos estes favores por haver estado ausente; tendo disposto a Providência esta ausência para dar-nos, por motivo de sua incredulidade, a prova mais visível e mais incontestável da ressurreição do Salvador e para curar, por dizê-lo assim, com a vista e o tato de suas chagas sacrossantas as que nossa pouca fé havia de fazer em nossas almas. Tendo vindo este Apóstolo onde estavam os demais, achou toda a assembleia cheia de gozo; contaram-lhe como o Salvador se lhes havia aparecido com seu corpo ressuscitado e vivo, o que lhes havia dito, como havia comido com eles e com que benignidade lhes havia mostrado suas sagradas chagas. Tomé disse logo que nada cria; como aqueles que não podem persuadir-se de ser certo o que desejam com ânsia se o não veem. Por mais que me digais, respondeu-lhes, não me persuadireis de que meu bom Mestre está vivo: não hei de crê-lo sem que veja com meus olhos suas mãos furadas com os cravos, e sem que meta nelas o dedo e a mão inteira na chaga de seu lado, para convencer-me de que está em vida.

O Salvador não quis deixar muito tempo seu amado discípulo em sua incrédula perplexidade. Como não permitia esta infidelidade senão para fazer-nos a nós mais fiéis, voltou ao mesmo lugar oito dias depois, buscou o tempo em que os Apóstolos e os discípulos estavam todos juntos, entrou, fechadas as portas, e apresentou-se no meio da assembleia, onde se achava também Tomé: tendo-os saudado e dado a paz, encarou este amado Apóstolo e lhe disse: Vem, filho meu, e convence-te por ti mesmo da verdade de minha ressurreição; convence-te por teus próprios sentidos de que este que vês é o mesmo corpo que eu tinha na cruz; olha minhas mãos furadas, mete nelas o dedo; olha a chaga de meu lado, mete nela a mão, e não sejas incrédulo, mas fiel; minhas palavras, minhas promessas, as provas insignes que eu havia dado de minha ressurreição e o testemunho de todos os teus irmãos deviam bastar para convencer-te de um fato tão estupendo. Ao dizer isto o Salvador, operou no coração do obstinado discípulo uma tão prodigiosa mudança que de incrédulo se fez fiel; reconheceu sensivelmente que o que lhe falava era seu Salvador; e, feito um mar de lágrimas, prostrou-se a seus pés e, abraçando-se com eles, exclamou como transportado: Senhor meu e Deus meu. Então o Salvador, movido de sua perfeita contrição e de sua fé viva, perdoou-lhe sua falta e lhe disse: Tomé, tu creste porque me viste: bem-aventurados os que creram sem ver-me; não se pode dizer que crê o que não crê senão ao testemunho de seus sentidos.

Os Padres da Igreja fazem excelentes reflexões sobre toda esta conduta. Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Cirilo escusam a São Tomé e pretendem que falou assim mais por um santo desejo de ver seu Mestre que por uma dúvida formal e por infidelidade. São Gregório e muitos outros confessam sua falta de fé nesta ocasião; mas todos convêm em que a fé deste santo Apóstolo foi perfeita e independente dos sentidos: *Aliud vidit,* diz, *et aliud credidit.* Viu as chagas de seu divino Mestre e viu seu corpo vivo; mas creu outra coisa muito diferente do que via. Viu um homem, mas creu firmemente que este homem era seu Deus; e sua fé sobre a divindade do Salvador foi das mais expressas, das mais perfeitas e das mais generosas.

Poucos dias depois desta célebre aparição de Jesus Cristo ressuscitado, tendo os Apóstolos deixado Jerusalém para voltar à Galileia, Tomé e alguns outros foram-se com São Pedro pescar no mar de Tiberíades: passaram toda a noite sem pescar nada: tendo vindo a manhã, encontrou-se Jesus Cristo na margem e apareceu-lhes sem que soubessem que era ele; mas o conheceram pela prodigiosa pesca que fizeram por sua ordem e comeram depois com ele. Depois da ascensão do Salvador aos céus e da vinda do Espírito Santo, os Apóstolos, movidos por este mesmo Espírito, dividiram entre si todo o universo para levar a todas as partes as luzes da fé e do Evangelho. A tradição desde o tempo mesmo dos Apóstolos nos ensina que nesta divisão couberam a São Tomé os vastos reinos do Oriente e que teve o consolo de encontrar-se com os reis Magos, que eram os primeiros da gentilidade que haviam vindo a Belém adorar o menino Jesus: que lhes fez relação de tudo o que havia passado depois no discurso da vida do Salvador, de sua paixão, de sua morte, de sua ressurreição e que, tendo-os batizado, os associou a si no ministério evangélico. Enviou Tadeu, um dos setenta e dois discípulos que o haviam seguido, a Edessa, na Mesopotâmia, para curar e catequizar o rei Abgaro, como o Salvador lho havia prometido. Este fato o assegura Eusébio, acrescentando que ele havia encontrado os testemunhos autênticos nos arquivos desta cidade. Parece que o mundo inteiro não podia bastar ao ardor e à imensidade do zelo de São Tomé.

Percorreu toda a Etiópia, o país dos abissínios, os partos, os medos, os persas, os povos da Carmânia, os da Hircânia, os da Bactriana e a Índia; penetrou até a ilha de Ceilão e a China. O erudito P. Kircher, em sua *História da China,* diz que, quando os portugueses passaram às Índias, acharam que os cristãos, que se chamavam de São Tomé, diziam em seu ofício em língua siríaca as antífonas seguintes: «Os chineses e os etíopes foram trazidos ao conhecimento da verdade por São Tomé. O reino dos céus foi anunciado por São Tomé até na China, e na solenidade da festa deste santo Apóstolo os etíopes, os indianos, os chineses e os persas oferecem, Senhor, a vosso santo nome suas adorações e seus votos.» A famosa pedra achada na China no ano 1625, na qual está escrito com caracteres chineses um compêndio da doutrina cristã, e uma cruz de ferro de mais de trinta quintais de peso, cuja inscrição assinala o ano de 239 de Jesus Cristo, fazem ver bastante que a fé havia sido anunciada na China desde o nascimento do Cristianismo. Os povos do Brasil também se gloriam de haver recebido de São Tomé a luz da fé; mas o que há de mais certo é que São Tomé exerceu as funções de sua missão principal nas Índias Orientais.

Metafrastes escreve que, logo que o santo Apóstolo entrou nas Índias, viram-se os maravilhosos progressos da fé. Seus modos aprazíveis e modestos, sua vida pobre e mortificada, sua paciência e sua afabilidade lhe conciliaram a benevolência de todos estes povos. A curiosidade os incitou a perguntar a este estrangeiro por seu país, por sua religião e pelo motivo que lhe havia feito empreender tão longa viagem. Admirou-se em suas respostas e em todos os seus arrazoados tanta prudência e tanto juízo, e ficaram todos tão embevecidos de sua doçura, de sua afabilidade e de seus belos modos; entre outras coisas, admiraram-se tanto de seu desinteresse e de que por anunciar sua Religião houvesse empreendido tão longa e tão penosa viagem, que não duvidaram de que fosse enviado de Deus para ensinar-lhes o caminho da salvação: e assim, foi o mesmo ouvir seus sermões que converter-se aqueles povos. Pregou depois na ilha de Socotorá, de onde passou aos reinos de Grancanor, de Coulão e de Narsinga, na costa de Coromandel: estabeleceu sua principal residência em Meliapor, capital deste reino, onde pregou a fé de Jesus Cristo com tão feliz sucesso e fazendo tantos milagres que se converteu todo e muito logo se viu florescer nele o Cristianismo.

É uma antiga tradição dos povos de Meliapor que, antes de vir o santo Apóstolo a anunciar-lhes o reino de Jesus Cristo, havia pregado o Evangelho na Armênia, na Mesopotâmia e na Pérsia; que dali havia levado a fé aos vastos reinos de Candaar, de Cabul, de Carfustan e de Gazatara; que, tendo passado os montes de Tibete, perto de Bengala, chegou enfim por Decã ao reino de Narsinga e daqui a Meliapor; que consagrou em todas as partes bispos e presbíteros para que cuidassem daquela florescente e numerosa cristandade.

A mesma tradição, conservada por monumentos autênticos do país, acrescenta que, querendo o santo Apóstolo edificar uma igreja na cidade em honra do verdadeiro Deus, não pôde conseguir jamais a licença do rei pela malícia dos brâmanes. Mas tendo lançado o mar sobre a margem uma viga de uma enorme grandeza, o rei, que estava fazendo um grande palácio, quis servir-se dela para este edifício; mas tendo empregado toda a indústria dos artífices e a força de grande número de elefantes para arrastá-la, não puderam movê-la de seu lugar. Ao ver isto o santo Apóstolo, cheio de confiança em Deus, ofereceu-se a levá-la ele só se o rei quisesse dar-lha para sua igreja: consentiu nisso o monarca, e todo o povo correu a ver o prodígio que operava o Santo, o qual, tendo atado a ponta de sua correia a um dos nós e feito o sinal da cruz, conduziu a viga como se

fosse uma palha. Atônito o rei ao ver este prodígio, converteu-se com toda a sua família e muitos de seus vassalos. O santo Apóstolo edificou a igreja e levantou sobre uma grossa pedra uma cruz que, segundo se diz, se vê ainda hoje. Acrescenta-se que predisse então que, quando o mar, que estava muito distante dali, chegasse àquela pedra, uns homens apostólicos iriam da Europa a anunciar-lhes a mesma religião que ele lhes pregava; o que se verificou em meados do século XVI, nos missionários que a piedade portuguesa conduziu desde nossos climas àqueles países.

Tantas maravilhas fizeram triunfar muito logo a religião cristã em todo o país e estabelecer-se a Igreja sobre as ruínas da idolatria; o que irritou os sacerdotes dos ídolos contra o Santo e acelerou seu martírio. Tendo observado os brâmanes que São Tomé ia todos os dias fazer oração ao pé da cruz, lançaram-se sobre ele, pisaram-no, maltrataram-no a golpes e atravessaram-no com muitas lançadas. Assim acabou sua longa e laboriosa carreira este grande Apóstolo, depois de um prodigioso número de trabalhos padecidos por Jesus Cristo em tantos e tão diversos países, os quais supõem uma vida muito longa.

No ano 1523, tendo-se apoderado os portugueses da cidade de Meliapor, que o rei de Portugal João III fez chamar a cidade de São Tomé, abrindo os alicerces de uma igreja achou-se o corpo do santo Apóstolo, o qual foi trasladado a Goa, onde suas relíquias se guardam ainda hoje com muita devoção.

Missa (oração)

A missa é em honra do Santo, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Da nobis, quæsumus, Domine, beati apostoli tui Thomæ solemnitatibus gloriari: et ejus semper et patrociniis sublevemur, et fidem congrua devotione sectemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos façais o favor de que solenizemos com alegria a festa de vosso apóstolo São Tomé, para que sejamos sempre ajudados por sua intercessão e imitemos sua fé com a devoção correspondente. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 2 da carta do apóstolo São Paulo aos Efésios.

Efésios 2,19-22

>

> **Latim:** [19] Ergo jam non estis hospites, et advenæ : sed estis cives sanctorum, et domestici Dei, [20] superædificati super fundamentum apostolorum, et prophetarum, ipso summo angulari lapide Christo Jesu : [21] in quo omnis ædificatio constructa crescit in templum sanctum in Domino, [22] in quo et vos coædificamini in habitaculum Dei in Spiritu.

Português: [19] De maneira que já não sois hospedes, nem adventicios : mas sois cidadãos dos santos, e domesticos de Deos: [20] edificados sobre o fundamento dos apostolos, e dos profetas, sendo o mesmo Jesu Christo a principal pedra angular: [21] no qual todo o edificio que se levantou, cresce para ser hum templo santo no Senhor, [22] no qual vós-outros sois tambem juntamente edificados, para morada de Deos pelo Espirito Santo.

Reflexões

Vós sois da cidade dos Santos. Ditosa sorte, vantagem preciosa, mas pouco conhecida. Vós sois da cidade dos Santos: logo sois estrangeiros; logo não estais sobre a terra senão de passagem: senão como uns caminhantes. O céu só é vossa pátria; a terra não deve ser para vós senão um lugar de desterro; todos os vossos pensamentos, todos os vossos desejos não devem dirigir-se senão à celestial pátria. Eu sou da cidade dos Santos. Bom Deus, de quanto consolo é esta verdade para quem a conhece e compreende todas as suas vantagens! Que o mundo faça todos os seus esforços para deslumbrar-me com suas brilhantes e risonhas aparências; que os sentidos estejam de inteligência com ele para enganar-me e seduzir-me; que meu amor-próprio me faça encontrar nas honras que encantam o espírito, no resplendor que dá nos olhos, nesses prazeres superficiais e enganosos que embevecem, um engodo que debilita a fé e a Religião e que desgosta das máximas mais puras do Evangelho: esta verdade eterna subsiste e subsistirá. Tudo o que embevece e agrada sobre a terra não é outra coisa que vaidade: nós somos da cidade dos Santos e, por conseguinte, estrangeiros sobre a terra; e, por dizê-lo de uma vez, não somos senão desterrados. Há caminhantes que nos países estrangeiros por onde viajam encontram amigos que se lhes mostram muito finos, que não omitem diligência alguma para diverti-los, que lhes dão todo gênero de festas e alegrias: que se diria destes caminhantes se, embevecidos com estas diversões, se esquecessem de que são estrangeiros e não pensassem em que têm que prosseguir sua viagem? Que se diria de um homem que, embevecido com os festins que lhe dão no lugar de seu desterro, se descuidasse de fazer diligências para voltar a sua pátria? Que se diria deste homem se, em lugar de procurar fazer-se amigos para negociar com o rei sua volta e para ser restabelecido em suas honras e em seus empregos, só pensasse em estabelecer-se no lugar onde está, em conformar-se com os costumes e modas do país e em querer brilhar e sobressair nele como os que são daquela terra? Não tratariam todos este homem de insensato e de extravagante? E não se pode dizer da maior parte de nós: *tu es ille vir,* tu és este homem tão pouco sensato, tão imprudente, tão pouco prudente? Nós somos desterrados sobre a terra; nós somos da cidade dos Santos; o céu é nossa pátria, este mundo o lugar de nosso desterro; vede se vossos sentimentos e vossa conduta se conformam com esta verdade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 20 de São João.

João 20,24-29

> **Latim:** 24 Thomas autem unus ex duodecim, qui dicitur Didymus, non erat cum eis quando venit Jesus. 25 Dixerunt ergo ei alii discipuli : Vidimus Dominum. Ille autem dixit eis : Nisi videro in manibus ejus fixuram clavorum, et mittam digitum meum in locum clavorum, et mittam manum meam in latus ejus, non credam. 26 Et post dies octo, iterum erant discipuli ejus intus, et Thomas cum eis. Venit Jesus januis clausis, et stetit in medio, et dixit : Pax vobis. 27 Deinde dicit Thomæ : Infer digitum tuum huc, et vide manus meas, et affer manum tuam, et mitte in latus meum : et noli esse incredulus, sed fidelis. 28 Respondit Thomas, et dixit ei : Dominus meus et Deus meus. 29 Dixit ei Jesus : Quia vidisti me, Thoma, credidisti : beati qui non viderunt, et crediderunt.

Português: 24 Porém Thomé hum dos doze, que se chama Didymo, não estava com elles, quando veio Jesus. 25 Disserão-lhe pois os outros discípulos : Nós vimos o Senhor. Mas elle lhes disse : Eu se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e se não metter o meu dedo no lugar dos cravos, e se não metter a minha mão no seu lado, não hei de crer. 26 E oito dias depois, estavão os seus discípulos outra vez dentro : e Thomé com elles. Veio Jesus ás portas fechadas, e poz-se em pé no meio, e disse : Paz seja convosco. 27 Logo disse a Thomé : Mette aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos, chega tambem a tua mão, e mette-a no meu lado : e não sejas incredulo, mas fiel. 28 Respondeo Thomé, e disse-lhe : Senhor meu, e Deos meu. 29 Disse-lhe Jesus : Tu creste, Thomé, porque me viste : bem-aventurados os que não virão, e crêrão.

Meditação

Sobre a fé

Primeiro ponto

Considera que a fé é absolutamente necessária para a salvação; é como a alma do justo, pois o justo vive da fé, daquela fé que obra pela caridade. Abraão, diz São Paulo, não se justificou pelas obras, mas pela fé com que as fazia. A fé sem obras é uma fé morta; não o são menos as obras sem fé. Ainda que fizesses milagres, ainda que macerasses tua carne com jejuns, com as mais rigorosas austeridades; ainda que distribuísses quanto tens aos pobres, tudo isto seria sem fruto,

sem mérito, sem recompensa, se te faltasse a fé. Poucos hereges houve que não tenham enganado com as mais formosas aparências. Motivos de reforma, ostentação de penitência, máscara de modéstia; todos estes artifícios, todas estas simulações de piedade se encontram em todas as seitas; mas desditado daquele que se deixa enganar destas exterioridades. Todas estas aparências são belas, são louváveis, pois não apresentam senão a virtude respeitável aos olhos de todos; mas se estas exterioridades de virtude estão sem fé; se esta pessoa, cujos discursos são tão edificantes, cujo exterior é tão religioso, cuja conduta parece tão regular, só tem uma fé vacilante, se não ouve a Igreja, se não segue senão seu próprio espírito, não é senão um fantasma de cristão, não é senão um formoso corpo sem alma. O justo vive da fé. Façamo-nos bem cargo deste oráculo. Sem a fé as obras de maior edificação não são outra coisa que umas máscaras superficiais que cedo ou tarde se tiram ou caem. A fé viva é a regra e a medida das boas obras, das virtudes e do mérito; sem ela tudo é simulação, artifício, momice em ponto de piedade e de religião. Nenhuma coisa é mais de temer para a salvação que uma fé puramente especulativa; esta fé a têm todos os condenados. Enquanto se vive, desconhecem-se e procura-se esquecer as verdades terríveis da fé; mas à hora da morte a fé volta a tomar toda a sua força. Mas que coisa tão triste e de tanto desespero conhecer uma pessoa que andou descaminhada, que não teve senão uma fé morta, não conhecer seus erros e suas fraquezas senão à hora da morte!

Segundo ponto

Considera que a verdadeira Religião, a religião divina, não pode estar fundada senão sobre a fé. O entendimento humano é demasiado limitado para conhecer os divinos mistérios. Os princípios e a essência da verdadeira Religião estão acima das luzes do homem. Este entendimento tão limitado, tão escasso de luzes, que não pode conhecer nem sequer as coisas mais naturais, que não se conhece a si mesmo, como podia compreender o Ser eterno e supremo? E se o compreendesse, seria Deus uma coisa de quem o homem tivesse um perfeito conhecimento? É evidente que Deus, este ser infinito, necessariamente incompreensível a toda outra coisa que a si mesmo, querendo dar-se a conhecer aos homens, querendo regular seu culto pela Religião e querendo estabelecer no mundo uma religião de todo divina em seu fim, em sua moral e em seus dogmas, não deveu fazê-lo senão por meio da fé. Assim vemos desde a criação do mundo que a fé fez sempre o mérito dos escolhidos. Mas examinemos qual é nossa fé: faz ela nosso caráter? Temos uma fé humilde, viva, constante e generosa? Consultemos nossos costumes, nossos sentimentos, nossa conduta. Estamos bem persuadidos, estamos bem penetrados das grandes verdades que fazemos profissão de crer? Prova nossa conduta que as cremos? Desenganemo-nos: a união entre nossa crença e nossos costumes deve ser estreita; nossas ações devem dizer da religião que somos; põe-se pouco cuidado na voz de Jacó: só as mãos merecem as graças e as bênçãos.

Eu, Senhor, espero provar qual é minha crença por minhas ações, por meus sentimentos e minha conduta; para isto tenho necessidade de vossa graça: peço-vo-la pela intercessão daquele santo Apóstolo a quem a fé fez que se prostrasse a vossos pés, vos adorasse por seu Deus e merecesse vossas bênçãos.

Jaculatórias

Eu creio, divino Salvador meu, que vós sois meu Senhor e meu Deus. (Jo 20.)

Creio, Senhor; ajudai minha pouca fé. (Mc 9.)

Propósitos

1. Nossa soberba é a causa de nossa pouca fé; nosso espírito não se sujeita senão com pena; deslumbrado com suas próprias luzes, não quer ver nada que esteja acima delas. Desta fonte envenenada nascem essas dúvidas, essas críticas tão perniciosas à simplicidade da fé. Por elas, sobretudo hoje em dia, perderam todo o seu valor as tradições mais religiosas, as verdades mais antigas e as mais respeitáveis autoridades. Tudo se fez opinião; deste modo o espírito particular se erigiu em juiz e se estenderam as seitas dos hereges. Olha toda a tua vida com um extremado horror a esses eruditos orgulhosos e a esses críticos ousados que, com o pretexto de buscar a verdade, não buscam senão como extinguir a fé e desacreditar a Religião: o que muitos conseguiram por nossa desgraça.

2. A fé deve ser simples, humilde e viva: crê todas as verdades da Religião com uma submissão perfeita. Condena todas essas sutilezas e delicadezas de espírito, como sumamente danosas à simplicidade da fé. Não permitas que jamais se fale diante de ti de semelhantes pontos de crítica. Proíbe-te para sempre os livros que tratam deles, porque nenhuma coisa é mais contrária à fé que reduzir tudo a opinião.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:56:13 by Admin
Updated 20 November 2026 20:56:13 by Admin